

# Floripa-catástrofe

Produções textuais do curso de Cinema da UFSC

Marcio Markendorf (organizador)

Bruna Ramos Pavesi (revisão)

Número 2



Marcelo Fleury / Agência RBS

## Floripa-catástrofe: a paródia de um gênero

Marcio Markendorf

### Sumário

<b>Floripa-catástrofe: a paródia de um gênero .....</b>	<b>4</b>
Marcio Markendorf	
<b>As Aventuras de Julia .....</b>	<b>5</b>
Luís Felipe Tortoro, Verônica Mackoviak e Tamara Cleveland	
<b>A ruína do domingo de sol .....</b>	<b>8</b>
Danilo Dias, Andressa Braun, Ramon Pacheco	
<b>Olhos de Joãozinho ou A Salvação do Mundo.....</b>	<b>9</b>
Bernardo Bertoli, Marcelo Ribeiro, Danilo Rossi	
<b>DecaDance .....</b>	<b>11</b>
Michele Costa, Caroline Mariga, Daniela Geisler	
<b>Maldito Avião .....</b>	<b>13</b>
Andressa Braun, Danilo Dias, Ramon Pacheco	
<b>De bêbados e loucos, todos têm um pouco .....</b>	<b>14</b>
Ramon Pacheco, Andressa Braun, Danilo Dias	
<b>O ataque dos pombos gigantes contaminados comedores de olhos .....</b>	<b>15</b>
Danilo Rossi, Bernardo Bertoli, Marcelo Ribeiro	
<b>Doce Ilusão.....</b>	<b>17</b>
Tamara Cleveland, Luiz Felipe Tortoro, Verônica Mackoviak	
<b>A Invasão Bárbara Argentina .....</b>	<b>19</b>
Fernanda Viana, João Eduardo Canci, Matias Eastman	
<b>O incidente da areia .....</b>	<b>21</b>
Luiz Felipe Tortoro, Verônica Mackoviak, Tamara Cleveland	
<b>A fúria do mangue.....</b>	<b>23</b>
Débora Sofia Guerreiro, Bruna X, Thiago Wollmann	
<b>A onda de sumiço .....</b>	<b>25</b>
Caroline Mariga, Daniela Geisler, Michele Costa	
<b>A comida do R.U. contra o terrível micróbio.....</b>	<b>28</b>
João Mamedes, Ana Carolina X, Aruã Sanção	
<b>O desejo nefasto de Criciúma .....</b>	<b>30</b>
Bruna X, Débora Sofia, Thiago Wollmann	
<b>O Ataque das Ostras Desengonçadas.....</b>	<b>33</b>
João Eduardo Canci, Matias Eastman e Fernanda Viana	

De tempos em tempos há um retorno de filmes-catástrofe às telas do cinema – alguns com incidentes localizados, outros com perspectivas de cataclismo global. O impulso dado pelo filme *2012* (2012, Roland Emmerich, 2009) na difusão do que poderia ser uma profecia maia para o fim do mundo reacendeu as preocupações sobre uma catástrofe apocalíptica possível, algo esperado para acontecer em 20 de dezembro. Em vista desse apelo psicológico, o *disaster movie* é um dos gêneros que mais flerta com o imaginário coletivo – a fantasia do caos e da destruição – e, por essa razão, está assentado em valores moralizantes como a coragem, a solidariedade, o sacrifício, o amor, a lei, a ordem. Paul Owen escreveu um artigo no jornal *The Guardian* indicando (com toques de humor) a morfologia clássica dos filmes-catástrofe, resumida da seguinte forma:

1. Escolha um bom desastre;
2. Você precisa de um cientista;
3. Você precisa de um herói;
4. Mande o seu cientista para Casa Branca;
5. Destruição ao redor do globo;
6. Destruição em Nova Iorque;
7. De volta à Casa Branca;
8. O cientista reúne a sua equipe;
9. Contratempo de última hora;
10. A operação final.

Pensando em formas de parodiar esses termos, os alunos de Expressão Escrita II foram convidados a escrever textos nos quais Florianópolis seria o centro de uma catástrofe, tendo símbolos importantes da cidade arrasados por algum evento anômalo. O resultado final circula entre o humor negro, o absurdo e o grotesco cômico. Confirmam.

Para ler o texto de Owen na íntegra: OWEN, Paul. How to write the perfect disaster movie. *The Guardian*. Culture. Film Blog. 12 dez 2008. Disponível em:

<<http://www.guardian.co.uk/film/filmblog/2008/dec/12/perfect-disaster-film>>

## As Aventuras de Julia

Luís Felipe Tortoro, Verônica Mackoviak e Tamara Cleveland

Eram sete horas da manhã, o despertador tocou, Julia leva alguns instantes para abrir os olhos; enquanto o despertador ao lado tocava, ela pensava nas coisas que faria naquele dia. Virou-se na cama, abriu os olhos, desligou o despertador insistente. Tentou levantar-se, porém voltou subitamente à cama, ela sentia-se pesada. Pensa sobre como foram cansativos os últimos dias e concluiu que precisava de alguns dias de descanso. Faz um esforço maior e, apoiando-se na cabeceira da cama, levantou-se e calçou suas pantufas; ainda sentindo-se pesada, andou até o banheiro, mal levantando os pés do chão; ligou a torneira que, naquele dia, jorrava água com o dobro de intensidade normal, mas isto não chamou sua atenção; enquanto andava até a cozinha, bocejava e só conseguia pensar em quando poderia voltar a sua cama; quando chegou à porta da cozinha, ficou estática enquanto olhava a pilha de louça que havia desmoronado do corredor e agora estava espatifada no chão. Andou entre os pedaços de vidro até a geladeira, onde pegou a garrafa de água que estava pela metade, mas pesada como se estivesse cheia. Até o momento em que saiu de casa, inúmeros fatos passavam, alguns de natureza estranha, mas que Julia justificava como frutos do seu cansaço. Quando chegou ao ponto de ônibus, um grupo de pessoas discutia sobre algo que ela não conseguia entender, mas estavam atordoados, com rostos assustadores. Aproxima-se para perguntar o que estava acontecendo, porém seu ônibus chega e ela tem que entrar. O ônibus estava praticamente vazio: havia duas pessoas, o motorista, o cobrador, ela e um homem estranho, com cabelos bagunçados, óculos grandes, que estava sentado ao fundo. Ele trazia no colo um aparelho do tamanho de uma caixa de sapatos, que emitia luzes e barulhos parecidos com o do seu despertador. Ela sentou-se no banco à frente dele e ficou olhando pela janela enquanto ouvia o homem ao fundo fazendo coisas sem sentido. Colocou seus fones de ouvido e começou a ouvir suas músicas, pois da sua casa, em São José, até a UFSC, era uma longa viagem. Quando entraram na ponte, o aparelho do homem que estava ao fundo apitava cada vez mais, porém Julia não ouvia, pois estava com seus fones de ouvido. O cobrador olhou para o homem atrás de Julia e gritou: “Desliga isso aí!”. Julia viu aquilo sem entender. Pensando que era com ela, abaixou os fones de ouvido e perguntou: “pois não?”. Nesse momento, ouviu o homem atrás dela gritando: “não, não, não!” enquanto seu aparelho apitava muito alto. Ele gritou: “Pare o ônibus!” enquanto ameaçava quebrar os vidros caso o motorista não parasse ali mesmo, em cima da ponte. O motorista parou, o homem colocou o aparelho embaixo do braço e, com uma das mãos, agarrou Julia pelo braço e disse: “venha comigo!”. Sem entender nada, Julia saiu com ele, que grita enquanto ouve: “corra, corra!”. Julia permaneceu parada, pensando que o homem é um maluco, porém, ao sentir a ponte tremer, ficou com medo e quis seguir o homem. Sua razão, entretanto, falou mais alto, e ela entrou novamente no ônibus. Olhou para o motorista, que estava xingando o cobrador e resmungando. Julia entendeu que o ônibus parou de funcionar, então saiu correndo para chegar à ilha enquanto a ponte embaixo de seus pés tremia e balançava. Olhou para o lado para ver a ponte Hercílio Luz desmoronando na água. Sentiu o medo tomar conta dela, mas não parou de correr. Quando finalmente chegou do outro lado, ouviu um barulho de água;

olhou para trás e viu as pontes desmoronando. Viu mais à frente o homem do ônibus, que estava sentado à beira da estrada, mexendo alucinadamente em seu aparelho; correu até ele, desesperada, buscando alguma resposta. Ele parou por um instante, olhou nos olhos de Julia e falou: “O mundo vai acabar!”. “O quê?!” indagou Julia, que já não entendia mais nada. Ele falou: “Nessa noite houve uma explosão no centro da terra; todos os gases que existiam lá estão sendo consumidos pelo fogo, e isto está fazendo a gravidade da Terra aumentar em progressão geométrica. Logo seremos reduzidos a um compacto de entulhos, caso não acabarmos com isso”. Julia então perguntou assustada: “E há alguma forma de acabar com isso?”. Ele olhou novamente em seus olhos e falou: “Só há uma forma de acabar com isso”. “Então fale logo! Se você sabe, então por que não faz alguma coisa?”

O homem levantou rápido, assustando Julia mais uma vez. Ele segurava aquele aparelho estranho, que agora estava fazendo um barulho ensurdecedor.

“Venha comigo”, ele disse, e saiu em disparada. Julia, sem saber o que fazer, resolveu, então, segui-lo. Ele andava muito rápido e falava coisas sem sentido, fazendo com que Julia ficasse mais e mais confusa. Nas ruas, as pessoas choravam e gritavam horrorizadas com o que havia acabado de acontecer com a ponte. Carros de repórteres estavam por toda parte, e também a polícia, que tentava conter a multidão na rua. Julia não pôde se conter e, assustada com tudo o que estava acontecendo desde aquela manhã, ficou parada observando. Ela fechou os olhos e um arrepio lhe correu ao corpo, um arrepio tão forte que a fez tremer, e então cair; quando caiu, percebeu que não era ela quem tremia, e sim o chão sob seus pés. Enquanto estava caída, viu também um outro corpo no chão, não sabia se era homem ou mulher, ou se estava vivo. Ficou mortificada. Sentiu um empurrão e logo se viu erguida do chão por aquele mesmo homem estranho do ônibus. “Venha comigo, eu sei de um lugar onde podemos nos abrigar”. Enquanto corria desesperada com o tal homem, pôde ouvir alguém gritando ao longe: “É o fim do mundo! Que Deus nos ajude!”. As ruas agora eram um pandemônio, com pessoas gritando e chorando por toda parte; alguns, aproveitando-se da situação, roubavam lojas e pessoas.

O tal homem ainda não havia soltado seu braço e eles andaram cerca de 15 minutos até chegarem a uma espécie guarita num ferro velho abandonado, passaram por ela e entraram num galpão caindo aos pedaços. O galpão, ao contrário do que aparentava, era gigantesco e dentro havia uma infinidade de equipamentos e máquinas estranhas, assim como aquela que ele ainda segurava embaixo do braço. “Nunca pensei que chegaria a esse ponto tão rápido. As pessoas estão insanas! Precisaríamos de mais ajuda, mas não temos tempo...”, o homem falava apressadamente enquanto mexia no equipamento, “eu era responsável pelo monitoramento da América do Sul, medindo os abalos no interior da Terra. Tudo era muito sigiloso e a força do distúrbio foi tão fulminante que não houve tempo hábil para formação de contingente para contenção”, ele continuava a falar, mas Julia não conseguia mais fixar as palavras. O peso de seu corpo, a força necessária para se movimentar, as ondas de calor, cada vez mais fortes, debilitavam-na sobremaneira. O chão começou a tremer novamente e barulhos de explosões, de destroços caindo, começaram a apavorá-la. De repente, o homem grita: “Não temos mais tempo! Ajude-me a girar essa alavanca. Os tubos introduzidos emitirão ar comprimido com alto poder de refrigeração, mas só vai funcionar se os outros cinco núcleos como este realizarem o mesmo procedimento. Rápido!” Começaram a girar, mas o calor, o pavor, o desgaste os impediam de realizar esta ação suficientemente rápido, o

que comprometeria o sucesso... Já sem fôlego, visivelmente desesperados, mas ainda tentando, conseguem ouvir a sirene da caixa apitando freneticamente, quando uma labareda jorra da terra; fogo e ar quente invadem rapidamente o ambiente, queimando seus corpos.

Julia acordou num susto. O barulho do despertador era frenético e ecoava em seu sonho. Molhada de suor, estava quase sufocada pelos braços e pernas enormes, acomodados em cima de seu corpo. Começa a mover-se; a pessoa vira-se de lado e continua a dormir. Ainda atordoada, com uma dor de cabeça intensa, começa a vestir-se, admirando a bagunça da casa – pia, pratos no chão, objetos jogados. Questiona-se sobre o que teria acontecido na noite passada, mas não se lembra... Olha para a cama, aquele homem! Começa então a ter flashes de seu sonho, onde aquela era a sua casa e aquele homem é o salvador da catástrofe eminente. Ri, “era o cara da caixa!”. Mas, de fato, não o conhecia, como teria parado ali? Pega sua bolsa e, silenciosamente, sai da casa. Ainda pensa consigo: “isso que é uma embriaguez de sucesso, Julia”.

## A ruína do domingo de sol

Danilo Dias, Andressa Braun, Ramon Pacheco

Era domingo de sol, as pessoas olhavam-se junto ao burburinho matinal. As mulheres exibiam cortesmente seus encantos sexuais. Naquela manhã, como quase todas desde o engatinhar de minha puberdade, surpreendi-me acordado por entre as pernas. Ao meu lado, antes da partida do ônibus, sentou-se uma bela ruiva. Aparentava 27 anos, carregava consigo o equilíbrio das moças que não são demasiado altas nem baixas; seus seios, maduros e de regulares curvas, afervesciam minha imaginação e aumentava a circulação sanguínea interior. Aquela mulher havia de ter outros encantos. Mas era de manhã em um domingo de sol. O pior era pensar que nada poderia salvar-me de saltar do ônibus sem tê-la ao menos por alguns segundos diante de minhas narinas.

Foi quando trancaram as portas do ônibus e avisaram que uma fatal epidemia ameaçava o terminal do centro e os arredores.

A notícia me abala. Tudo o que importa, no momento, eram as curvas que as coxas da ruiva deixavam na calça jeans. Neste momento, subia um policial de roupa amarela, armas em mão e máscara de gás. Nada amistoso. A princípio, o policial perguntou se eu sabia segurar uma arma. Respondi-lhe que sim e logo ganhei uma vestimenta igual a dele. Estavam recrutando.

Após isso, resolveram responder algumas perguntas, entre elas, a causa: as pulgas. Pulgas dos cachorros da UFSC, mais especificamente.

A dama ruiva começa a cuspir sangue e é levada para fora pelos policiais. Lá, após muita força militar, vira uma pulga gigante e devora um policial.

O policial que estava comandando a situação informa que a casa do governador foi tomada e que agora seria cada um por si.

A essa altura, Rafael já está completamente diminuído em sua empolgação inicial. Longe de conhecer os meandros e vira-latas da UFSC, o garoto, sem entender o que acontecia com os demais ali engaiolados naquele ônibus, só consegue pensar em como sua musa havia se transformado em pulga.

O governador declara estado de emergência e pede o extermínio de todos os cachorros de rua dos arredores da UFSC. Como que imunes, chegam os ativistas pró-animais. Eles foram avisados pela televisão sobre a deliberação do mandatário. Segundo o líder deles, a mutação ocorreu devido à interação homem-animal para além dos limites de cada espécie. Os afetados foram medicados em um ofurô gigante com uma composição de 1 litro de sabonete líquido para cada 100 litros de água. Rafael aproveitou a oportunidade para colocar-se próximo a sua musa e observar a transformação reversa da bela, de pulga à gata.

## Olhos de Joãozinho ou A Salvação do Mundo

Bernardo Bertoli, Marcelo Ribeiro, Danilo Rossi

- Roberto, você está mais de uma hora atrasado.

- Luiza, é a terceira vez que você liga! Já disse que estamos presos no trânsito! Ou você não está vendo a chuva que está caindo?! Ponha sua cabeça para fora da janela e olhe!

Luiza conteve a fala ao perceber que o ex-marido havia desligado o celular. É claro que ela estava ciente da tempestade que acontecia. Justamente por isso ligou pela terceira vez para Roberto, preocupada com o pequeno João, que havia passado o final de semana com o pai, no apartamento de praia que não havia conseguido arrancar do marido na separação.

Inquieta, Luiza sentia vontade de fumar um cigarro, porém havia largado o vício há mais de um ano, quando o pequeno João havia sido diagnosticado com câncer no pulmão. Luiza suspirou diante das mazelas da vida ao olhar a tempestade pela janela de seu luxuoso apartamento na Avenida Beira Mar Norte. Todo o dinheiro do mundo não havia comprado a saúde de seu filho, o qual lutava bravamente contra o câncer, que não demonstrava sinais de trégua.

A campainha tocou. Luiza correu até a porta.

- Ligue a TV Luiza! Ligue!

Atordoada com o desespero da Sra. Augusta, Luiza ligou a televisão para, incrédula, ouvir a notícia dada pelo plantão da TV Globo: “A Casa Branca acabou de informar ao Palácio do Planalto que o deslocamento de todas as ilhas do mundo em direção ao Polo Norte é iminente. Fernando de Noronha e Florianópolis serão as primeiras afetadas pelo fenômeno no Brasil e devem ser evacuadas em doze horas”.

- Mamãe!

Luiza, aos prantos, correu em direção ao filho, que acabava de chegar com o pai.

- Roberto! Você soube? Temos que ir embora o quanto antes! Vamos!

- Não, Luiza! A ilha será movida por uma vibração interplanetária resultante da chacina de raposas para a confecção de casacos de pele, aliada ao aquecimento global, e esta vibração terá o poder de curar quem estiver na ilha e for menor de doze anos de todos os tipos de câncer! É a única esperança para Joãozinho! O Dr. Silva me contou tudo.

- Oh céus! Mas teremos que nos aventurar e tentar a sorte até o Polo Norte!

- Mamãe, não se arrisquem por mim, eu ficarei bem.

- Não, meu filho, eu e seu pai ficaremos aqui com você! É a última esperança!

- Viva! Papai e mamãe estão juntos de novo!

Mal havia o inocente Joãozinho pronunciado suas palavras de júbilo, uma bufada de vento quebrou todas as janelas do apartamento. Ao se aproximarem, avistaram toda a extensão de postes que iluminavam a Avenida Beira Mar se apagando. O asfalto se rachava, enquanto, desesperadas, as pessoas dentro dos carros eram arrebatadas pelas ondas revoltas que tomavam conta da avenida.

- Rápido, temos que encontrar um lugar seguro! – disse Roberto, pegando João no colo e segurando a mão de Luiza, pela primeira vez em dois anos.

Eles desceram os degraus do prédio. Roberto entrou em seu Bentley Continental, saíram a toda velocidade em direção à UFSC. Ele era professor da instituição e sabia de algo que poderia salvá-los. Algumas pessoas foram atropeladas por Roberto, porém não estava nem aí. Como não havia mais carros na rua, devido à ressaca, ele dirigiu rapidamente, mas logo que chegou à frente do Palácio da Agrônômica, que estava pegando fogo, foi parado pelo segurança do governador.

- Desçam do carro! – o próprio governante exclamou.

- Não levem o carro! – grita Luiza

O governador do povo apenas disse: “Vocês já estão acostumados”.

Roberto, levantando o político pelo colarinho, esbravejou:

- Olhe, meu filhinho! O pobre sofre da pior das moléstias! Tenha piedade!

O governador, olhando fixamente para o homem, exclamou:

- Uma criança! Os cientistas precisam dos olhos de uma criança para ativar o reator antipolarização insular! Vamos para a universidade!

Tomados pela ânsia da sobrevivência, Luiza e Roberto seguraram Joãozinho, enquanto homens de jaleco extraíam seus pequenos olhos verdes.

- Papai! Mamãe! Me ajudem! – pedia o moleque.

- Você ia morrer mesmo, Joãozinho! Relaxa! – exclamavam os pais.

Enquanto o garoto se esvaía em sangue, o reator era posto em funcionamento. Tarde demais, porém. A ilha havia se chocado com um iceberg e afundava lentamente.

## DecaDance

Michele Costa, Caroline Mariga, Daniela Geisler

Um grupo de jovens amigos estava no bosque da UFSC fumando maconha e resolveram, depois de muita filosofia, correr pelados pelo bosque, deixando seus pertences próximos do riacho. Com isso, um inseto entra na bolsa de uma das garotas.

Depois de muita psicodelia, a garota vai até a bolsa pegar seu celular e dá um grito, jogando a bolsa longe. As outras pessoas perguntaram o que havia se passado, e a moça respondeu que um bicho roxo e verde, parecido com uma barata, havia picado ela. Todos riram dela e xingaram-na, pois ela estava chapada, como os outros ali presentes. Eles pegaram as roupas e foram ao 1007 Boite Chick.

A menina que foi picada, no caminho inteiro reclamava de dor no dedo. Já na boate, ela encontra o namorado e conta toda a história. Ele ri e deixa a garota sozinha. Ela vai ao banheiro e começa a sentir-se muito mal. Estava tonta e com vontade de vomitar. Ela grita para chamarem o namorado dela, mas acaba desequilibrando-se e batendo a cabeça no chão. Nisso, o namorado da garota chega na porta do banheiro feminino e vê que a fila está enorme. Ele bate algumas vezes, chamando por Julia, que não responde. Então tenta derrubar a porta, mas o segurança não deixa. Passado algum tempo, aproximadamente dez minutos, ela abre a porta e pede para Rufus entrar. Depois de fechar a porta, ela começa a beijá-lo e a despir-se, e ele, todo animadinho, também começa a tirar a roupa, quando, de repente, ela dá um golpe no pescoço dele, que o faz desmaiar. Nisso, ela abre a boca do namorado e cospe uma gosma alaranjada, que faz com que ele acorde. O garoto limpa o sangue do golpe feito por ela, e os dois voltam para a festa.

Ele se movimenta com passos mecânicos no meio das pessoas. O local é pequeno, então ele é empurrado pela multidão feliz dançando Lady Gaga. Ele alcança o bar, onde estavam servindo ponche de graça e, sem ninguém ver, ele cospe aquela coisa alaranjada dentro. Enquanto isso, a garota pediu para falar com o DJ a sós.

Todos se serviam de vários copos de ponche, estava realmente delicioso. As pessoas começaram a dançar mecanicamente. A música parou; muitos não perceberam e continuaram os passos robóticos. O casal de namorados se reúne de novo e guia as outras pessoas até o TICEN.

Alguns carregavam equipamentos de som. Ao chegar lá, todos pularam a catraca e ligaram o som. O DJ se posicionou e começou a voz do Vincent Price. Todos se posicionaram. Começou Thriller, do Michael Jackson. Dançavam perfeitamente para o luar.

Após receber denúncias sobre a catraca pulada, a polícia chegou correndo com cassetetes. Eles localizaram aquele com mais cara de aluno de cinema para prender como exemplo, mas aquela música começou a tomar conta de seus corpos. Seus pés queriam acompanhar a dança de todos os infratores da lei. Cumprir a ordem de sua autoridade estava longe neste momento, como se as palavras viessem em uma língua desconhecida, abandonada, sem sentido hoje. Hipnotizados, os policiais acompanhavam a dança. O grupo começou a marchar pelas ruas ao som da batida. A cidade acordava e juntava-se a eles.

Todos, sincronizados, caminhavam obstinadamente pelas ruas, seguindo para a mesma direção e vindo cada vez mais gente. Chegam a uma fábrica abandonada e posicionam-se em postos diferentes. Começam a produzir e a envasar a gosma laranja. Todos trabalham sem parar, seguindo ordens de um ser que era algo entre homem e monstro - um ser de pele completamente alaranjada e viscosa. O material que estava sendo produzido na fábrica começa a ser distribuído pela cidade.

Cada vez, mais e mais “funcionários” aparecem para trabalhar. Em pouco tempo, toda a cidade se contra hipnotizada e submissa ao tal ser.

- Cidadãos de Angel Grove – oh não, Angel Grove foi na década passada – Cidadãos de Florianópolis, está completada a missão Ectomorphicans, mas, francamente, estou cansado de ver essas suas caras feias e sua horrível personalidade. Caminhem até o penhasco da construção e lá será o seu fim. Adeus.

- Adeus (todos).

Todos largam o que têm em mãos e partem em direção à rua. Toda a gosma laranja que estava sendo fabricada até então é colocada dentro de robôs/monstros gigantes em forma de formiga e escorpião. Dando-lhes vida, estes partem em direção à cidade para começar a destruição.

Os cidadãos da ilha da magia correm perigo, uns a caminho do penhasco, outros à mercê dos monstros. Os gigantes, agora no centro da cidade, começam a causar o caos. Carros se chocam, todos saem gritando e correndo desesperados. Quando todos achavam que este seria o fim, eis que surge no céu um arco-íris colorido. “Pousam” no centro da cidade para combater o mal. Todos se questionam sobre quem poderiam ser essas pessoas tão corajosas. “Restart”, grita uma garotinha que, em seguida, é reprovada por todos.

Enquanto os hipnotizados cidadãos caminham em direção ao seu fim, cada um dos coloridos chama seu megazord em forma de animal. Todos se encaixam em um só megazord gigante que se põe a combater os monstros gigantes do mal.

A formiga gigante destrói a Catedral Metropolitana de Florianópolis. Os cidadãos hipnotizados estão à beira de um abismo e... Eis o que o megazord vence os monstros e o bem colorido vence. Com o fim dos monstros, é o fim da hipnose também. Todos estão salvos, e a vida pode voltar ao normal na ilha da magia.

## Maldito Avião

Andressa Braun, Danilo Dias, Ramon

8 de outubro de 2010. A sexta-feira anuncia o feriado mais longo que antecede o verão na Ilha de Santa Catarina. Donos de hotéis e restaurantes comemoram as reservas que não param de chegar. A resposta, porém, é a mesma: - Está lotado. Famílias, especialmente do Sul da ilha, amontoam-se em suas casas para abrir espaço aos visitantes e, de quebra, ganhar uma graninha. Ninguém podia imaginar que poucos celebrariam Nossa Senhora Aparecida.

O trânsito para sair da ilha, e chegar a ela, por volta das 19 horas, é parado, não há. Voos extras saturam o tráfego aéreo. Dona Geni vai à Biguaçu ficar com seus filhos no feriadão. Da janela do ônibus em ponto morto sobre a ponte sobre a ponte Colombo Salles, observa o avião que dá voltas, aparentemente sem poder aterrissar.

Dias depois se comprovaria falha humana na operação da aeronave do voo extra EX13, que colidiu primeiro com os veículos parados na ponte, em seguida rachando-a e, por fim, lançando ao mar os destroços e corpos mutilados, em chamas.

Constatou-se, através das gravações de áudio da cabine de controle do avião, que na tentativa de momentânea entrega à espiritualidade nas alturas, em louvor à Santa Senhora Mãe de Deus, o piloto gritava: “Que Nossa Senhora salve os pecadores e os impudicos da ilha de Deus!”. José, humilde pescador das redondezas, sentiu que aquilo era um sinal de Deus; excluindo todo o bom senso que poderia restar-lhe, não julgou que a besta do piloto poderia estar com uma tremenda insônia, ou uma singela dor de corno, e havia delirado nas alturas, procurando consolo na esposa do filho de Deus.

Tomado por fervorosas instruções de purificação da iniquidade humana, levantou-se da sua cama, no dia 13 de outubro, e atou fogo na Igreja Matriz. Em comunhão com Deus e porta-voz de Sua ira, impediria que a casa do Altíssimo fosse habitada pelos pecadores mundanos.

José, orgulhoso de deus feito, entrega-se à polícia ao descobrir que estava sendo procurado. Quando questionado sobre o que havia feito, reafirma. É então culpado por dano qualificado e pega cinco anos de cadeia.

No presídio, José é estuprado e, com suco de laranja, um lápis e água sanitária, constrói uma bomba. É o fim da pena... e do presídio.

## De bêbados e loucos, todos têm um pouco

Ramon Pacheco, Andressa Braun, Danilo Dias

Duas horas, eram exatas duas horas no momento em que eu acordei. Realmente não lembrava o motivo de eu estar ali. Gritei com a enfermeira diversas vezes, mas não obtive resposta. Estava fraco demais e me sentia sujo, talvez pelo estado em que o quarto se encontrava – completamente empoeirado. Para mais me ajudar, assim que me pus de pé, desmaiei. Estava em choque.

“Uma moça morena correndo de um lado ao outro com uma criança de colo, os dois muito familiares, estavam em meio aos destroços. Eu estava próximo e chorava, porém, no momento, não sei o motivo. Nada podia fazer e isso me incomodava. Conseguiram tirar o bebê, menos a moça – que gritava para eu ficar calmo e criar nosso filho. Mais um tremor; o teto desaba, matando minha esposa. Entro em desespero e, ao correr em direção ao meu filho, o Hospital de Caridade desaba e eu fico inconsciente”. Acordo, olho pela janela e penso no meu filho. Preciso achá-lo e me encontro muito distante da ilha, todavia, é o único lugar onde eles devem tê-lo levado, afinal, é onde minha irmã reside.

Meus pensamentos se confundem, não sou capaz de distinguir sonho e realidade, porém sou tomado por uma força espetacular que me leva de Santo Amaro ao centro de Florianópolis em poucos minutos. Ana Maria vive muito próxima ao TICEN, perto da entrada da cidade.

Confirmo minhas suspeitas, alguma coisa está fora da ordem. Ao deixar o terminal, sentindo o asfalto tremer sob meus pés, me volto e, rapidamente, atiro-me ao chão a tempo de não morrer soterrado pelos destroços do local de embarque e desembarque das pessoas que chegam e deixam o centro de Florianópolis.

Senti que a vida havia sido entregue novamente a minha própria vontade, e que meu sonho e a salvação de um desastre haviam me provado que a preguiça do demônio é a diversão divina. Pensei em meu filho, em minha esposa, na cama quente que me aguardava. Cheguei em casa e no rádio ouvi que a Avenida Beira Mar tinha sido palco de uma trágica batida de carros. Um bêbado desgostoso da vida resolveu chocar seu carro contra uma carreta de alcoólicos anônimos. Não entendia o motivo da manifestação, pois carreatas não tinham nada de anônimas, então que fossem para o inferno junto com ele.

Desliguei o rádio e fui dormir pensando que não gostava de hospitais, desmoronamentos e manifestações inúteis.

## O ataque dos pombos gigantes contaminados comedores de olhos

Danilo Rossi, Bernardo Bertoli, Marcelo Ribeiro

Acompanhada da ressaca de terça-feira, Ivete tenta conciliar os olhos abertos com o sol de meio-dia. Não consegue. Sonha com tremores de terra e rugidos estranhos e, estranhamente, acorda e verticaliza-se de uma só vez. Faz uma busca tátil pela minúscula kitnet atrás de qualquer coisa, sólida ou líquida, que passe pela sua garganta. Não encontra nada. E o cigarro acabou. Desce para a rua.

Com os olhos ofuscados e a cabeça rodando, leva duas ou três esquinas até notar que as ruas estão vazias. Tenta lembrar se é domingo, mas tem quase certeza que é quarta. Vira a esquina em direção ao Mercado Público e se depara com diversas aglomerações. Enche-se de curiosidade e infiltra-se em uma das rodas. Finalmente visualiza o centro das atenções e se depara com uma das cenas mais bizarras da sua semana: um pombo do tamanho de um cachorro. Acha graça. Acha que ainda está muito chapada. Ao seu lado, uma repórter de telejornal limpa babinhas do canto da boca enquanto aguarda a hora de entrar ao vivo. Um tipo de meia idade, meio careca, meio afetado, não para de falar em mutações genéticas e alguma coisa sobre crescimento acelerado. A repórter pergunta algo para o homem, que se identifica como pesquisador de alguma coisa inútil em alguma universidade falida. Toma o microfone da mão da repórter e esbraveja:

-A culpa é de todos vocês! Os malditos pombos ingeriram tainhas intoxicadas pelo lixo despejado por estes malditos jovens maloqueiros! O processo de crescimento das aves está acontecendo em progressão geométrica e logo elas farão tudo o que for preciso para conseguir seu quitute favorito: olhos humanos.

O homem mal acaba de pronunciar as últimas palavras e uma grande histeria toma conta da multidão. Os pombos, agora com quase dois metros de altura, fazem suas primeiras vítimas. Crianças de colo e senhorinhas de muletas agonizam enquanto rajadas de sangue jorram torrencialmente de suas cavidades oculares. As pessoas procuram abrigo, enquanto comerciantes trancam suas portas.

Ivete recupera a sobriedade quase que imediatamente e corre em direção ao Mercado Público. Consegue entrar logo antes das portas serem fechadas. No local abarrotado, ouvem-se apenas orações e promessas em sussurros. Do lado de fora, o silêncio absoluto parece se estabelecer. De uma só vez, um barulho ensurdecedor e um clarão ofuscante invadem as galerias do Mercado. Um bico gigante põe o teto inteiro abaixo. Ivete se vê espelhada em um dos olhos malignos da ave maldita, enquanto uma garota ao seu lado é ciscada viva.

A fúria das aves, ciscando e bicando por todo lugar, fez ruir as paredes do velho mercado. Ivete escapa, desesperada, e vai em direção ao TICEN, decidida a tomar um ônibus que a leve para fora da cidade.

Lá, o caos imperava. Ousada e audaciosa, Ivete conseguiu entrar num ônibus e começou a pilotá-lo em direção às aves, decidida a salvar a população desprotegida. Foi quando ela sentiu o ônibus levantar voo. Um pombo de três metros havia pegado o ônibus entre suas patas. Agora Ivete avistava a chacina do alto.

-Socorro! – Ivete então percebeu que não estava sozinha. No fundo do ônibus estava o sujeito meio careca, meio afetado, que havia falado com a repórter.

-Você sabe o que está havendo! Só você pode salvar a cidade! – exclamou Ivete.

-Sei, mas primeiro vou matar essa maldita pomba.

Como num passe de mágica, ele pegou um canivete e matou a pomba à canivetada. Caíram em cima do camelódromo, contudo não morreram devido ao excesso de quinquilharias que abarrotavam o local. O doutor falido começou a falar:

- Vamos matá-las com o crack que se acumula nessa cidade.

- Doutor falido, vai dar certo?

- Não sou falido e a resposta é: vai.

Ele fez uma bomba com utensílios do camelódromo, e subiram o morro da Caixa. Como ninguém se encontrava na rua, foi fácil atrair os pombos, que foram todos atrás deles. O doutor acabou sendo atacado. Sem braços e sem pernas, ele fala: “Pegue a bomba e exploda as pedras”. Ela catou a bomba e as pedras de crack e disparou o mecanismo.

Todos que estavam sem abrigo morreram, inclusive Ivete. Porém, os que viveram jamais se esquecerão do ato de Ivete – a Heroína de Floripa.

## Doce Ilusão

Tamara Cleveland, Luiz Felipe Tortoro, Verônica Mackoviak

Ricardo não acreditou quando o despertador tocou, não havia dormido nem meia hora a noite inteira. Nunca antes os pernalongos incomodaram tanto. Aproveitando que seus pais estavam fora da cidade, foi deitar no quarto deles, o único com ventilador de teto, o que mantinha os borrachudos nojentos afastados.

Caindo de sono, tomou banho e café; pegou seu material e foi para a faculdade. No caminho, percebeu que muitas pessoas pareciam cansadas, com olheiras e mal humoradas. Na Avenida Beira Mar, uma multidão cercava uma mulher caída no chão. Ricardo assustou-se ao perceber que a mulher agonizava. Seu corpo estava cheio de bolhas vermelhas, que secretavam um líquido purulento e fétido. Ricardo, nada curioso e repugnado, decidiu continuar seu caminho, deixando a multidão que tampava o nariz atrapalhar a chegada da ambulância.

Ao chegar na aula atrasado, encontrou metade da sala dormindo; a outra metade tentava dormir. Seu sempre tão dedicado professor, Charles, só tinha atenção para sua caneca gigante de café.

- Charles, o que aconteceu? – perguntou Ricardo.

- Malditos pernalongos, parece uma infestação, ninguém dormiu direito essa noite. Pelo menos vocês vão poder dormir esta tarde, a professora Clélia foi internada esta manhã num hospital psiquiátrico. Aparentemente, perdeu o pouco de sanidade que lhe restava por causa do zumbido dos borrachudos.

Antes que Ricardo pudesse assimilar qualquer informação, foi puxado por Camila bruscamente para fora da sala. Sua amiga, gênio da engenharia ambiental, estava com olhos vermelhos e totalmente descabelada.

- Antes que você diga qualquer coisa, – proferiu ela entre um bocejo e outro – eu não durmo há dois dias. Tem algo muito estranho acontecendo.

Ela empurrou Ricardo para dentro do banheiro feminino, fechando a porta.

- Descobri que uma empresa de ilha está depositando seu lixo nos manguezais – ela começou a apalpá-lo à procura de algo. – De alguma forma, os pernalongos foram afetados, agora o zumbido deles deixam as pessoas loucas e sua picada tornou-se mortal. Morre-se com bolhas vermelhas pelo corpo. – Acabando de verificar seu pescoço, ela o abraçou – Ainda bem que você não foi picado – falou aliviada.

- Mas precisamos fazer algo! O quê? – indagou Ricardo.

Nesse momento, os dois ouviram gritos do lado de fora do CCE. Uma nuvem de mosquitos atacava fatalmente o professor Alexandre do CFH, que caiu no chão sem vida.

Nas lanchonetes do CCE, dezenas de alunos sufocavam-se dentro das portas e janelas de vidro. Ricardo e Camila ouviram a voz da mulher do noticiário e viraram-se para a televisão. Todos ficaram chocados ao verem as imagens dos helicópteros do Exército. A cidade-ilha estava isolada do mundo em quarentena. Aqueles que tentassem fugir a nado ou a barco seriam executados pela Marinha. Aviões e helicópteros seriam derrubados pela Aeronáutica.

Camila lembrou-se de Pardal, seu professor de entomologia, e os dois correram até o CCB somente para encontrá-lo no chão com as á conhecidas secreções infecciosas. No entanto, em cima da mesa havia um vidro com um líquido verde e o que parecia ser um diário. Camila folheou rapidamente as páginas com o auxílio de uma pinça, pois as páginas estavam contaminadas com a secreção de Dr. Pardal e Camila descobriu o que parecia ser um bilhete de despedida:

“Eu falhei e não pude salvar minha vida. Mas se o destino assim quiser, alguém há de encontrar o antídoto verde em cima de minha mesa, levando a cura para a humanidade. Assim seja.”

Camila pegou o antídoto, mas não sabia o que fazer: havia uma multidão inteira sendo atacada por névoas de mosquitos, enquanto ela tinha nas mãos pouco mais de cem mililitros da solução.

O governo, a essa altura, já decretou estado de calamidade extrema. Nada funciona, quem tiver sorte sai dessa.

Teriam de encontrar, por sorte, algum cientista preocupado com o futuro do mundo, com quem pudessem contar e entregar o antídoto para ser usado da forma mais eficiente. Mas onde?

Ricardo sugeriu que procurasse por refugiados no prédio do Serviço Social. Precisavam de voluntários dispostos a empenhar-se a serviço da vida humana. Precisavam entrar em contato com autoridades da saúde e entregar o antídoto para que pudessem reproduzir a fórmula, imunizar a população e salvar a vida dessas pessoas.

Mas, para tanto, precisavam também ser imunes e ter a quantidade suficiente para imunizar a pessoa que supostamente os ajudariam. Dito e feito. Procurando nos arquivos de medicina, o grupo, já imunizado, encontrou o contato de um farmacêutico que topou tentar reproduzir a fórmula e invadir uma fábrica de remédios para reproduzi-lo em grande quantidade.

Quanto mais pessoas recebiam a imunidade, mais forças o movimento contra a peste reunia. Todos ajudavam na fabricação e distribuição dos “remédios”.

O que antes parecia ser o tão falado fim do mundo, terminou com a população trabalhando unida pela perpetuação da vida humana.

## A Invasão Bárbara Argentina

Fernanda Viana, João Eduardo Canci, Matias Eastman

O relógio despertou às sete horas e João pulou da cama. Era o último dia de aula na UFSC e ele tinha os últimos trabalhos para entregar; depois, poderia aproveitar as férias tranquilamente. Tomou o café, trocou de roupa e saiu de casa. Ai chegar na universidade, encontrou Clara, sua namorada, na porta da sala de aula. Deu-lhe um beijo e entraram na sala para entregar os trabalhos. No final da aula, saíram da sala planejando o primeiro dia de férias e, já na rua, perceberam que a cidade já começava a se encher de turistas argentinos, como em todos os anos. No dia seguinte, João e Clara foram à praia e lá estavam eles... com seus cortes de cabelo que não davam a menor sombra de dúvida de sua nacionalidade e suas cuias de chimarrão que também apontavam os hermanos em toda parte. Tudo parecia normal, se não fosse por uma leve coceira que os dois começavam a sentir nos braços e nas pernas.

Os dias foram se passando e a coceira foi aumentando. Clara tinha placas vermelhas pelo corpo e foi ao HU para ver o que era aquilo. Chegando lá, viu crianças, idosos e grávidas na fila de emergência com as mesmas placas vermelhas e a coceira pelo corpo. Ao sentar no banco de espera, Clara viu uma maca sendo empurrada por um médico, com o corpo de um menino de cinco anos morto e coberto por um lençol branco. Ela se desesperou e ligou para João, que foi encontrá-la no hospital. Ele disse que no caminho até lá viu várias pessoas com placas vermelhas pelo corpo, mas reparou que somente os argentinos estavam bem e saudáveis.

Clara foi atendida por um médico uruguaio, que prescreveu a ela só uma pomada. o médico usava máscara e luvas e, ao examiná-la, apenas olhava, mantendo uma certa distância, nunca encostando. Clara achou estranho, mas comprou a pomada e foi para casa. Nos dias seguintes, ela e João, a quem o médico havia também recomendado a mesma pomada, seguiram o tratamento, mas este não surtia efeito. Com o passar dos dias, os sintomas foram piorando, e a doença infectando mais pessoas. No mês que se seguiu, o terror se espalhou: 84% dos habitantes do litoral catarinense estavam infectados. O número de mortes chegava a 50.000, 30.000 dessas em Balneário Camboriú. Clara e João estavam aterrorizados. Não saíam de casa, com medo de infectares outras pessoas ou de serem infectados por um tipo mais grave da doença. Dois meses depois do começo da epidemia misteriosa, o Ministério da Saúde anunciou o descobrimento da origem da doença, denominada argentinite: uma bactéria muito comum em carros argentinos. Ironicamente, 98% da população argentina era imune à bactéria, devido a um gene presente em seu DNA. “Uau!”, exclamou João, “Isso é muita informação para mim, preciso tomar um ar”, disse dirigindo-se à sacada. Clara continuou assistindo à explicação do ministro. Ele explicou os sintomas da doença: irritação na pele, queda de cabelo e afetava o sistema neurológico, causando delírios de superioridade. Ao ouvir isso, Clara sentiu um frio da espinha. Baixou o volume da TV e escutou o namorado discutindo com o vizinho da sacada ao lado: “Não, eu aposto que eu voo muito mais alto.” “Não!”, berrou o vizinho, “Eu voo mais alto ainda!”. Clara correu para a sacada, mas só a tempo de ver o namorado e o vizinho pularem da sacada, numa tentativa de voar.

O tempo passou. Quatro meses desde que o namorado de Clara morreu. Agora, além de ter que lidar com a perda do namorado, ela tinha que se adaptar à nova realidade do mundo: a argentinite infectava 45% da população brasileira, além de ter se espalhado em menor escala na maioria dos países do mundo. O sistema financeiro do Brasil havia entrado em colapso. Saques e apagões eram frequentes e o Governo – agora com sede em Paris – parou de divulgar o número de vítimas quando este atingiu 800.000.

Por fim, o Governo brasileiro tomou a decisão lógica, a fim de parar o alastramento da infecção, de fechar a fronteira e ordenou o extermínio imediato de todos os argentinos em território brasileiro. A população, ensandecida e nervosa, resolveu exterminá-los com as próprias mãos. Vários infectados disputavam quem colecionava mais escalpos dos gringos. Em êxtase genocida, a população exigia ainda mais e, num plebiscito proposto pelo recém-eleito governador de Santa Catarina, Gilmar Salgado, a maioria da população votou pela obliteração imediata do país vizinho para evitar infecções futuras.

Dois meses se passaram desde o lançamento das usinas de Angra I e II na Argentina (na falta de uma ogiva, essa foi a solução encontrada), e a doença recuava diariamente, quase como um milagre.

Enquanto isso, em Montevidéu, no que deveria ser um galpão abandonado, um grupo de cientistas e o mais alto escalão do governo congratulava-se do sucesso da missão de voltar a população mundial contra os argentinos e ainda no processo de matar mais de um milhão de brasileiros. Tudo isso, ao espalhar nas pomadas que deveriam curar simples alergias e micoses comuns no verão, uma mortal bactéria desenvolvida por seus mais geniais cientistas.

## O incidente da areia

Luiz Felipe Tortoro, Verônica Mackoviak, Tamara Cleveland

Era uma manhã como outra qualquer. Pelo menos era o que pensava Francisco quando saiu de casa. No entanto, ao sair, percebeu que a quantidade de areia na rua era maior do que a corriqueira. Nada de surpreendente, não fosse pela repetição desse padrão que se seguiu o resto do dia. No ponto de ônibus perto da avenida do Campeche, Francisco encontrou Joana, que também estava surpresa:

- Oh! Guri, tu visse quanta areia na rua? Também, com aquele vendaval de ontem à noite.

- Foi só o vento Sul, Joana – disse Francisco, tentando acalmá-la, apesar de sentir por dentro que algo estava estranho.

Quando o ônibus parou no ponto, a exclamação foi coletiva. Todos estavam surpresos com a imagem da areia no piso do coletivo. Nos bancos do fundo, três surfistas sentiram-se em casa com suas pranchas, com os pés descalços, pisando na areia e cantando Beach Boys. Mas o resto do ônibus estava desconfiado. O vento gelado voltava a assoprar, carregando a areia mais adiante, areia que parecia tão leve.

De repente, o ônibus parou e, o que parecia um simples congestionamento, era na verdade uma série de carros parados que insistiam em não funcionar. Assim, o motor do ônibus morreu e todos os passageiros tiveram que descer.

Joana e Francisco continuaram à pé, até que viram em um dos carros uma mulher jovem e bela que estava presa dentro de seu carro. Francisco forçou a porta, mas não conseguiu abrir. Ele jogou um tijolo contra o vidro e puxou a mulher para fora.

- Muito obrigada. Eu já estava me sentindo sufocada, e o maldito ar condicionado não está funcionando, nem os ventos elétricos – disse a moça, que se chamava Lúcia.

Francisco abriu a porta do motor e descobriu a causa da pane. A areia havia entrado nos menores espaços possíveis e óleo do motor não deu conta de manter os pistões lubrificados.

- Mas a parte elétrica, por que pifou? – perguntou Francisco.

- Essa areia é muito mais fina e leve do que o normal. É possível que ela retenha eletricidade, gerando um campo magnético que inutiliza equipamentos eletrônicos ao mesmo tempo em que trava dispositivos mecânicos – afirmou convincentemente Lúcia, que era estudante de Engenharia Mecânica e Eletrônica na UFSC.

Mas os três ainda não tinham noção das proporções do desastre. Ao caminharem pela SC 405, aproximando-se da Lagoa da Conceição, eles perceberam que a Lagoa não exalava seu cheiro de sempre. A água não era mais fedida, pois não havia água. A areia havia preenchido todo o espaço: barcos estavam soterrados e casas na beira da lagoa sucumbiam ao silencioso poder do dióxido de silício. Eles caminharam pela lagoa, como se Jesus faria se houvesse água, pois era o caminho mais curto até a universidade. Do centrinho da Lagoa, eles subiram o morro e lá de cima acompanharam a destruição do Leste da Ilha.

Chegando na universidade, camburões do Exército recolhiam estudantes e professores. Tiveram sorte de ficar num mesmo forte que outros cinco

meteorologistas e foram, talvez, um dos poucos a saberem, em tempo real, a solução do problema. Nenhum deles se opôs, levando em conta uma maior catástrofe ambiental. Ficou decidido por unanimidade que, levando em conta o que já fora destruído, talvez ambos os danos se minimizassem. Contataram a Marinha, disseram-lhes que trouxessem, com navios de grande porte, os icebergs que conseguissem, até as coordenadas de certa localização no Atlântico. Tudo isso para que as pedras de gelo derretam e esfriem a corrente de ar que acompanha as rajadas de areia, e mudem a direção dos ventos para o mar.

O medo era que essa areia estranha, com a água dos icebergs, se tornasse movediça. Mas Francisco, que entendia tudo de armadilhas da natureza e Indiana Jones, assegurou a todos que não teria risco algum. Foram necessários alguns dias até que os icebergs, trazidos pela Marinha, derretessem. O mundo inteiro, através da CNN, ficou conhecendo Florianópolis, que se tornou mais pop do que o Rio. O Nordeste amaldiçoou a Ilha da Magia, já que o abastecimento da água potável, que o Norte e o Sudeste forneciam, foi todo mandado para a cidade devastada pela areia. Apesar de algumas pessoas terem morrido soterradas, o desastre fez a capital lucrar mais que nunca, com o grande interesse turístico que a cidade das dunas despertava.

Francisco começou a namorar Joana; e sempre pensou que o incidente da areia foi um desastre que veio para melhor. Pelo menos pra ele.

## A fúria do mangue

Débora Sofia Guerreiro, Bruna X, Thiago Wollmann

Quando me mudei para Florianópolis, uma das coisas que me deixavam embasbacada era ver um jacaré no córrego perto de casa. “Uau, um jacaré de verdade, livre, que lindo!” E não era só isso, o que me deixava mais surpresa era ver o jacaré no córrego que fica em frente a um shopping center, o qual fica a menos de 1km de distância da minha querida casa, que, por sua vez, fica também muito perto de uma pequena e simpática cachoeira.

- Que coisa extraordinária! – eu sempre pensei; ficava impressionada com essas coisas de animais selvagens e natureza no meio da cidade.

Certa vez, quando voltava das compras com um amigo, comentei que eu achava muito legal ver um jacaré na frente do shopping.

- O quê?! Onde já se viu?! Eu me envergonho disso, coitado do animal que tem que conviver conosco, suportar nossos barulhos, nossa sujeira... Espero mais é que o Iguatemi afunde!

E não é que a Mãe Natureza ouviu suas argumentações e, meses depois, vimos no noticiário que parte do shopping havia desabado devido a problemas na fundação. Veio a se saber depois que os problemas no prédio do shopping se deram devido ao crescimento do mangue por toda aquela região. Na realidade, fui saber logo depois que parecia que o mangue estava crescendo rapidamente e se espalhando pela cidade.

Não demorou muito até que todos na cidade percebessem o que estava acontecendo. Em menos de dois meses, depois do Iguatemi desabar, quase todas as praças da cidade já haviam se transformado em pântanos fétidos.

Agora já não se falava em outra coisa a não ser sobre o mangue engolindo a cidade (e logo veremos que isso não é só uma metáfora). O Governo resolveu tomar providências e enviou uma equipe de pesquisadores, biólogos e botânicos. Mas nada vinha sendo feito para impedir o desenvolvimento da vegetação.

Exibiram na TV um documentário sobre árvores, onde havia um capítulo especial sobre mangues, e dizia que as árvores dos mangues são consideradas inteligentes porque conseguem se locomover para procurar águas mais ou menos salobras, dependendo da sua necessidade. O filme continuou por mais alguns minutos, mas eu já não conseguia mais prestar atenção – Árvores inteligentes? Que se movem? Que tipo de baboseira é essa?! – pensei. Quando, no mesmo momento, o filme foi interrompido por um comunicado urgente do telejornal. A ponte Hercílio Luz havia desabado. Desabado, não, havia sido derrubada! Derrubada por um emaranhado de raízes gigantes que vinham por todas as direções. Essas raízes eram como tentáculos que se moviam enfurecidamente.

Nesse meio tempo, um grupo de pesquisas biológicas da UFSC foi ganhando evidência, pois há algum tempo estavam pesquisando esse hiperdesenvolvimento de raízes no mangue. O chefe de pesquisa era o Vargas, conhecido ex-militante de um grupo de repúdio à construção do shopping Iguatemi. Durante todo o período de sua construção, esteve à frente de palestras, entrevistas e passeatas, tentando, em vão, alertar a população sobre o impacto ambiental e possível desastre ecológico eminente caso tal empreendimento tivesse continuidade. Como as manifestações fracassaram,

Vargas passou a acompanhar de perto as alterações, formando o grupo que periodicamente entrava naquele mangue, acompanhando o crescimento e coletando mostras.

Carlos e Mariana, pesquisadores mais antigos, responsáveis pelas visitas de campo, evidenciaram que a núcleo pensante, a força geradora que fazia com que todas as outras proliferassem, localizava-se próximo aos escombros do então shopping.

O que acontecia é que todos os restaurantes fast-food do shopping despejavam a gordura que usavam na cozinha nas próprias pias; ela percorria uma série de canos e era despejada num grande buraco que havia debaixo da terra, em frente ao shopping. Com o tempo, esse buraco, que também recebia os dejetos do banheiro, ficou cheio, e toda aquela mistura começou a vazar no mangue. O que ninguém imaginava era que o mangue fosse alérgico à mistura de gordura do fast-food com fezes humanas. Mas Carlos e Mariana, sem querer, acabaram descobrindo um antídoto! Mariana não estava muito bem naquele dia e passou o dia inteiro entre o laboratório e o banheiro. No fim do dia, Carlos, antes de fechar o laboratório, foi ao banheiro e, como o cheiro estava horrível, decidiu usar “Glade Toque de Frescor” para melhorar o odor do ambiente. O que ele não percebeu foi que Mariana havia deixado sua amostra ao lado do vaso sanitário. No outro dia, quando Mariana chegou ao laboratório, lembrou da amostra que havia deixado no banheiro, mas quando foi buscar havia apenas uma meleca sem atividade vital no pote. Descobriu o que Carlos havia feito na noite anterior; os dois saíram correndo do laboratório, roubaram um caminhão da universidade e passaram em todos os mercados da capital para recolher o maior número de “Glades Toque de Frescor” possíveis.

Uma multidão reuniu-se em frente ao mangue, onde estava a raiz do problema, e todos apertaram seus “Glade’s Toque de Frescor”, fazendo com que o mangue recuasse, e a paz fosse retomada.

## A onda de sumiço

Caroline Mariga, Daniela Geisler, Michele Costa

Era uma manhã de quarta-feira em uma praia vazia em Florianópolis. Havia uma criança sozinha ao lado de um castelinho de areia, ela chorava. Uma mulher aproxima-se dela.

- O que foi, querida? Se perdeu?

- Papai sumiu – disse a garota entre lágrimas, apontando para o mar. A mulher aproximou-se até onde as ondas batiam e encontrou um par de chinelos havaianas.

Quinta-feira, noticiário do meio dia: “Nesta madrugada, cerca de trinta pescadores da região sumiram. Oito barcos foram encontrados. A Marinha continua a busca por toda a costa”. Enquanto isso, Aline estava em seu computador lendo uma nova corrente que chegou por e-mail revelando fatos omitidos pela TV: o nono barco que pertencia ao grupo não desapareceu; os pescadores que nele estavam viram seus colegas sumindo. Os depoimentos foram retirados da notícia televisionada por relacionarem lendas dos manezinhos. Aline levou a sério esses depoimentos por se relacionaram a casos parecidos no Triângulo das Bermudas, tese de seu Trabalho de Conclusão de Curso em Física. Segundo suas pesquisas, é um fenômeno natural raro chamado de “Onda de Sumiço”, que abrange um certo espaço e engole somente seres vivos. A garota começou a calcular onde e quando ocorreria a próxima onda.

No dia seguinte, toda a população se preparava para a reinauguração da ponte Hercílio Luz. Prefeito e nomes importantes da cidade estavam em frente a uma faixa vermelha, com uma tesoura. Aline não terminou suas contas, pois sabia que, como ali estava acontecendo um grande evento, ali aconteceria a nova Onda de Sumiço. Ela esperou as pessoas chegarem bateu algumas fotos. Quando estava na hora da faixa ser cortada, ela ligou a câmera para comprovar a teoria de seu TCC e, é claro, ganhar muitas exibições no Youtube para não ter um futuro como professora de Física.

O primeiro a sumir foi um UFSCão, levado pelos alunos para presenciar o evento. As pessoas não sabiam se realmente aconteceu alguma coisa, pois foi muito rápido (menos para a câmera que estava gravando a 60 quadros por segundo). Aline ficou quieta. O próximo a sumir foi o prefeito, no momento em que cortaria a faixa.

- Corre! É a Onda de Sumiço! – gritou alguém que acreditava naquelas correntes bobas de internet.

A população começou a correr, pular da ponte, pisotear outros que caíam no chão. Aline não se moveu, pois havia estudado que a Onda se não se propagava para o lado em que ela estava. As pessoas do outro lado sumiram gradualmente. Aline guardou a câmera para ninguém roubar. Foi para casa e colocou o vídeo no Youtube.

Em dois dias, o vídeo já tinha recebido mais de 700 milhões de acessos e logo foi tirado do ar; não demorou muito para que as autoridades entrassem em contato com Aline, ameaçando-a para que parasse de fazer alarde e assustar a população. Aline ficou inconformada, pois aquelas pessoas queriam esconder algo realmente tão sério. Apesar das ameaças, Alina continuou a aprimorar suas pesquisas, afinal, era praticamente o tema de seu TCC que estava em jogo. Bom,

na verdade, não; Aline realmente havia se interessado pelo caso, nem pensava mais em seu TCC. A questão é que, pessoas estão sumindo, e ela sabe onde acontecerá de novo, mas não há muito que ela pode fazer. No noticiário das 13h, ela vê seu vídeo sendo difamado e, segundo as autoridades locais, ele não passa de um experimento barato de alunos de cinema feito com uma edição amadora. O quê? Nem cinema eu faço!

O jeito era esperar pela próxima onda. Enquanto isso, Aline foi procurar a família de algumas pessoas desaparecidas. Nada, os endereços estão corretos, mas não há ninguém nas casas. Estranho!

Aline decide filmar novamente a próxima onda, mas agora ela deixará uma câmera para ser levada junto com a onda para extrair novas respostas.

Chegou o grande dia, sexta-feira, 18h30min, TICEN. Aline se coloca a uma distância segura – de acordo com seus cálculos – e espera. Sua câmera a postos, as pessoas começam a desaparecer. Mais uma vez, ela estava certa: uma a uma, as pessoas vão sumindo, e como ela nunca havia visto na vida, numa sexta-feira, em horário de pico, o terminal do centro da cidade de Florianópolis estava vazio. Não, o terminal estava sumindo, as coisas ao seu redor, o banco, Aline foi quem sumiu...

Não, não, é brincadeira, ela não sumiu. Entretanto, ela deixou o cabo USB da câmera conectado e o cão não foi engolido pela onda de sumiço. Ela pegou o cabo e alongou até o camelódromo, onde tinha um amigo que trabalhava com informática. Ele fez um cabo USB gigante e conectaram no computador. Nisso eles ouviram duas pessoas conversando:

- Pô, meu, tu não sabe mexer nessa birosca?! Porra, precisamos filmar o que está acontecendo aqui, as pessoas precisam saber da verdade.

- Espera aí, se contarmos, pode acontecer comoção pública, e não podemos acabar com a paz daquele recinto, as pessoas podem ficar loucas se souberem da verdade.

- É, não tinha pensado desta forma... Desliga a birosca aê!

- Será que é nesse bo...

Então a imagem sumiu e a conexão foi perdida. Ela tentou mostrar novamente para as autoridades o vídeo, entretanto condenaram-no como “montagem mal feita”. Com isso, ela calculou novamente o próximo local da onda, pediu dinheiro emprestado, comprou outra câmera, posicionou-se e foi levada pela onda (de verdade, dessa vez).

Ela abriu os olhos. Estava escuro demais. Ela pediu ajuda e, de repente, o diabo apareceu em sua frente e falou:

- Tenho três perguntas para você!

- Sim, e daí?

- Primeiro, odeio gente burra; segundo, se acertar as três, você ganha um prêmio. Preparada?

- Com certeza!

- Então, qual é a sua cor favorita?

- Alaranjado!

- Ok! Qual é a sua posição sexual favorita?

- Ai, difícil essa, viu, hum, ai, gosto de um pseudo-de-quatro.

- OMG! Nem sabia que isso existia, whatever, e o que você gosta de estudar?

- Física.

- Agora tenho as minhas dúvidas. Creio que você possa ser virgem e, por causa de sua última resposta, te enviarei ao inferno, por ajudar a profanar e maltratar os estudantes, professorinha!

- Nãããããooooo!

- Pseudo-de-quatro, será que realmente existe isso? Alfredo...

Continuando, Aline cai em cima de um vômito e, ao levantar, esbarra em um bêbado, que a manda passar pelo arame farpado. Ela segue as dicas dele, afinal, não tem ninguém além dele no local. Cai em um buraco onde as pessoas estão dançando Macarena.

A música se repete por milhares e milhares de vezes, até que a cabeça de Aline explode. O diabo aparece e briga com um capanga. Designa que ele deveria tê-la alertado sobre fazer parte do trenzinho. Então ele volta no tempo, e ela entra na roda e não morre!

## A comida do R.U. contra o terrível micróbio

João Mamedes, Ana Carolina X, Aruã Sanção

O sol entra pela janela e bate no rosto de Felipe. Ele acorda. “Tenho que ir pra UFSC, droga”. A muito custo, levantou-se. Foi até a cozinha para tomar café e percebeu que os cantos da geladeira estavam mais gastos que no dia anterior. Ignorou. Preparou seu pão com manteiga e comeu. Voltou para o quarto para se vestir e notou que as dobradiças do armário mal sustentavam o peso da porta. “Que estranho”, pensou.

Ligou a TV para assistir ao jornal da manhã. Os repórteres, com rostos preocupados, discutiam a súbita elevação no nível de umidade e maresia no ar. Olhou o relógio e viu que precisava sair de casa. Do ponto de ônibus perto de sua casa até o TICEN, eram 30 minutos. Durante a viagem, percebeu que o banco estava solto. Aliás, tudo parecia meio solto, até a catraca e o volante. A essa altura, estava um pouco preocupado. Olhou pela janela e havia tanto sal na parte de fora que ele não conseguiu ver nada.

Assim que o ônibus parou no TICEN, ficou claro que algo estava muito errado: os pilares tinham ruído, o teto caíra, ônibus enterrados nos escombros, e as pessoas estavam desesperadas. Alguns motoristas de topique se aproveitavam da falta de ônibus e ofereciam seus serviços.

Apesar da catástrofe a sua volta, Felipe estava mais preocupado mesmo era em chegar na aula.

Chegou na UFSC. Olhava em volta e tudo o que via eram pessoas preocupadas falando no celular. Ou tentando, pois já não havia sinal e alguns celulares estavam simplesmente se despedaçando.

Ao entrar na sala de aula, a professora, que era doutora em microbiologia, explicava aos alunos sua mais recente descoberta: um micróbio que se alimentava de tudo, absolutamente tudo, menos comida do RU. Esse era o micróbio que estava causando os desastres em Florianópolis, pois umidade e maresia eram o ambiente perfeito para ele viver.

A professora, chamada Renata, deu aos alunos uma missão: alertar a população e providenciar muita comida no RU, pois comê-las era a única maneira de impedir que o micróbio devorasse os corpos das pessoas.

Felipe, que era o melhor aluno da sala e sempre tivera uma queda pela professora, perguntou o que ela iria fazer. “Tenho que descobrir um antídoto para o micróbio”, ela disse, séria. “Há algo que eu possa fazer para ajudar?”, ele perguntou. Ela pensou um pouco e falou: “Prepare-se para o pior, vamos ter que comer no RU todo dia.” “É isso é tão ruim?”, perguntou Felipe. “O dia todo”, respondeu Renata, que nem mais salivava os cantos da boca.

Os telefones da UFSC não paravam de tocar, os restaurantes mais conceituados de Florianópolis ligavam para pedir a receita de arroz borracha e do bife de UFSCão, única possibilidade de salvação para os manezinhos.

Após pesquisas no cânone canino, Renata descobriu que a cura para a proliferação do micróbio estava na mistura da carne de UFSCão com o cabelo das tias da cozinha. Assim, a prefeitura promoveu um mutirão entre os cabeleireiros da cidade, que deixaram as humildes tias de vidas sofridas, carecas. Renata, comovida com a situação, pôs fora a carapinha cúprica, instigando ainda mais a admiração de Felipe.

## O desejo nefasto de Criciúma

Bruna X, Débora Sofia, Thiago Wollmann

Preocupado com a infestação, Dilma Rousseff mandou implodir as pontes que ligavam a ilha ao continente, colocando todo o Exército em São José. No seu discurso dominical, o Papa Bento XVI criticou a atitude da presidenta, denominando o ato de “atitude desumana”.

Enquanto isso, o McDonald's serviu Big Macs dizendo que os hambúrgueres eram de legítimos UFSCães, mas, mentirosos, causaram a proliferação dos micróbios nos moradores da Lagoa da Conceição. O presidente americano, Rocky Balboa, em comunicado oficial, criticou a rede de fast-foods, dizendo que haviam faltado com a palavra e que isso não correspondia ao “american way of life”. A Apple, comovida, desenvolveu um aplicativo para iPhones chamado iUFSCão, no qual, de acordo com a massa corporal do usuário, calculava a quantidade necessária de comida do RU que deveria ser consumida para evitar a proliferação do micróbio. Os dados seguiam por satélite à Universidade da Carolina do Norte, onde eram retransmitidos ao mundo pela CNN International. A comoção mundial levou a tag UFSCão ao trending topics mundial, sendo retuitado por celebridades como Stephen Hawking e Geisy Arruda.

O mundo se preparava para ajudar Florianópolis, mas o New York Times publicou em manchete que tudo não passava de outra brincadeira brasileira, similar ao “Cala Boca Galvão”. Por isso, nenhum país do mundo deu um centavo para ajudar Florianópolis.

Em sua casa, Felipe assistia ao Discovery Channel, que fazia uma reportagem sobre como diminuir a umidade do ar. O jeito era fazer queimadas em todas as árvores da Ilha. Felipe foi para o bosque da UFSC, onde alunos de cinema faziam atividades suspeitas com uma caixa de fósforos. Felipe, por meio de um discurso altruísta e emocionado, convenceu-os a ajudá-lo a por fogo no bosque, correndo os devidos riscos. Assim, eles se dividiram e partiram a pé para o Norte e para o Sul da ilha, abastecidos de bifes de UFSCão para resistir à jornada e de todos os fósforos e isqueiros que puderam encontrar. Heroicamente, contrariaram todos os ecologistas, devastaram a Ilha da Magia e salvaram a população manezinha da destruição iminente... Ou assim teria sido, caso os bifes não fossem sabidamente mais maléficos do que qualquer micróbio mutante conhecido pelo homem.

A chuva começou desejada, depois de um bom tempo de estiagem. Veio devagar: vento, cinza, raios, trovão e água. Guarda-chuvas em alta, botas cano longo, capas de chuva, carros, congestionamentos... Aconteceu, porém, num crescente. Quando a chuva atingiu o ápice pluviométrico, ali permaneceu e não mais declinou. Linear, constante, perigosa, barulhenta.

As redes de transmissão em rede reportavam a situação de caos iminente, como alagamentos, deslizamentos de terra em rodovias, afogamentos. Mas ninguém conseguia dar conta, ou mesmo prever, pois o curioso mesmo é que a chuva afetava apenas o perímetro da Grande Florianópolis, tendo como núcleo a ilha.

Em dado momento, especulações já não eram importantes, era urgente, voltar-se para a própria sorte, bens, família, sobrevivência. O nível da água começou a subir, avançar sobre a costa e as pessoas, grande massa desesperada começou a se deslocar aos pontos mais altos da cidade, em busca de resgate, pois ninguém mais precisava do noticiário para saber: a ilha será inundada. Morro da Cruz virou ponto de encontro, Serrinha, Morro da Caixa.

As cidades adjacentes, e até mesmo o Estado, voltaram sua atenção à catástrofe premente. E nenhuma tecnologia soube especular com alguma propriedade as razões da tempestade intermitente. Enquanto isso, alagamento, inundação, mortes, destruição.

Bem, muitas vezes a riqueza e o desenvolvimento tecnológico são utilizados em prol de uma minoria gananciosa, cujos valores estão centralizados na super evidência de seu próprio poder e conquistas. Pois é disto que falamos aqui. Este foi o ímpeto da massa de poderosos criciumentense que conseguiu se articular e dar um passo real para realizar seu sonho mais caro: tornar-se capital do estado de Santa Catarina. Afinal, acreditavam que não era justo uma região tão rica, extensa e poderosa ser representada por uma cidade tão inexpressiva, uma ilha de funcionalismo público, praias e turistas. Para atingir seus objetivos, investiram em tecnologia com um objetivo: afundar a ilha de Santa Catarina!

Do alto do Morro da Cruz, um grupo de sobreviventes olhava para o que já não se via: o nível de água tomara a ponte Hercílio Luz e subia.

Foram meses até que a chuva cessasse. Toda a cidade fora devastada pela brutalidade da chuva. Criciúma manteve-se como a capital de Santa Catarina, já que Florianópolis estava destruída.

Quase um ano depois, e ainda era possível encontrar ruas alagadas, só não mais se viam pessoas. A ilha havia sido completamente abandonada, estava deserta.

Criciúma seguia próspera com o controle do estado, quando se deu a notícia que um dos laboratórios que fazia a análise da água da chuva para descobrir de onde viera aquele dilúvio tinha sido totalmente destruído e incendiado. O laboratório era o único dos três laboratórios que trabalhava para o governo federal, os outros dois eram de ricos empresários de Criciúma, que estavam usando essa história de análise da água apenas como fachada, pois também tinham interesse em transformar Criciúma na capital do Estado; além do mais, sabiam muito bem o motivo de Florianópolis estar inundada.

O grande mistério talvez nem fosse o motivo das chuvas, que já haviam cessado – e, como mais tarde foi comprovado, teve causas naturais – mas sim um outro ponto. Pelo fato de Florianópolis ser uma ilha, por mais que chovesse por anos seguidos, ela nunca deveria alagar, visto que a água, seguindo uma lógica níveis, deveria escoar para a praia e se espalhar pelo oceano. A chuva, é verdade, contribuiu com os desmoronamentos, o início dos alagamentos e toda destruição, mas foi mais que isso, uma oportunidade para que o verdadeiro plano começasse sem ninguém perceber.

Após Florianópolis ter sido evacuada e a população ser totalmente transferida para outras cidades, a ilha ficou sob a vigia de equipes comandadas pelos grandes empresários de Criciúma, que faziam rondas em barcos para cuidar que ninguém se aproximasse. Na noite da destruição do laboratório, uma equipe de investigação americana que trabalhou nos Estados Unidos em outros desastres, como na passagem do furacão Katrina, mobilizou-se para investigar o caso de Florianópolis. Sabendo de todo o esquema de segurança da ilha, entraram com um mini submarino nas águas de Florianópolis e ficaram pálios com o que viram.

Por toda a Avenida Beira Mar, enormes crateras jorravam a água do mar em direção aos prédios; eram muitas, que se espalhavam por toda extensão e davam conta de manter a cidade debaixo da água; enquanto avaliavam a situação, um dos barcos que fazia a segurança passava por ali, então um dos homens que estava nele viu as luzes embaixo da água. Uma equipe de mergulho logo se formou e desceu fortemente armada; eles cercaram o submarino e capturaram toda a equipe.

Já pela manhã, chegava em Criciúma uma das equipes de segurança com os americanos capturados. Sob ordem de uma comitiva de empresários, eles foram levados a um cativeiro, onde conheceram Claudia. Claudia era mantida ali por questões de segurança, ou melhor, por saber demais. Durante o verão, ela trabalhou em uma seguradora da ilha, onde fez o seguro dos materiais e das máquinas utilizadas em uma reforma de infraestrutura no saneamento básico da ilha; ou pelo menos foi isso que pensou no início. Com o tempo, ela percebeu que os materiais que estavam sendo assegurados eram muito diferentes dos que eram usados frequentemente naquele tipo de obra e, na verdade, muitos daqueles equipamentos eram usados apenas na construção de usinas hidrelétricas. Como sua função era apenas fazer os seguros, apesar de estranhar tudo aquilo, continuou a fazer seu trabalho. Após o desastre, ela começou a investigar o caso por conta própria, pois sabia que havia algo errado; era impossível ocorrer um alagamento na ilha após a obra que havia sido realizada naquele verão; além do mais, levando em consideração o tamanho dos dutos utilizados na obra, era possível escoar a água que alagava a ilha em alguns minutos. Ela foi procurar os responsáveis pela obra e, após contar o que sabia, foi surpreendida por seguranças, que a levaram ao cativeiro.

No cativeiro, Claudia ficou boquiaberta após o que os americanos lhe contaram – agora tudo fazia sentido. Ela então falou a eles que só tinham uma escolha, que era a fuga. Eles aproveitaram o horário em que os guardas foram para a cozinha jantar e pularam a janela da casa, mesmo com as mãos amarradas. Entraram no carro dos guardas que estava lá fora e, com uma faca que encontraram, conseguiram cortar as cordas. Quando ligaram o carro, os guardas correram para fora de casa, mas eles já estavam em movimento. Dois homens então usaram uma moto que estava lá para seguir o carro. A moto alcançou eles na estrada, e um dos homens começou a atirar no carro. Um dos

tiros atingiu Claudia no ombro, e esta ficou muito desesperada, porém Charlie, que estava sentado do seu lado, era enfermeiro e conseguiu acalmá-la em meio ao tumulto. A moto começou a ficar distante, pois o combustível acabou. Jake, que estava ao volante, alertou que também precisavam encontrar um posto de gasolina e, por sorte, alguns quilômetros à frente, encontraram um. Abasteceram, compraram água e comida. Claudia, que assistia à televisão, puxou Charlie quando ouviu a repórter falar sobre uma comitiva do Exército, montada em Joinville, para investigar o caso. Correram para o carro e foram para Joinville buscar ajuda.

Chegaram no início da noite na cidade, e as equipes já trabalharam à todo vapor. Eles entraram com o carro na praça; Charlie correu em direção à mesa dos comandantes, de onde arrancou o microfone e começou a falar. Alguns empresários de Criciúma estavam ali atrasando as investigações e não tiveram o que fazer naquele momento. Os soldados cercaram toda a área. Tropas da Marinha foram enviadas à Florianópolis para desativar os motores que jorravam água pelos dutos e começar a limpeza da cidade.

Após dois anos, a cidade estava reconstruída, e Charlie e Claudia, que naquela noite – após saírem do hospital – desfilaram como heróis, estavam de volta à Florianópolis para passar a lua de mel.

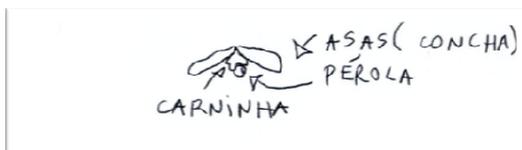
## O Ataque das Ostras Desengonçadas

João Eduardo Canci, Matias Eastman e Fernanda Viana

Carlos acordou em seu apartamento em São José com o som do alarme. Fitou o relógio por um instante. Seus olhos enxergavam números, mas seu cérebro não conseguia processar. Fitou o relógio por mais um instante. Puta que pariu! Já eram sete e vinte! Chegaria atrasado na faculdade, com certeza. Já que chegaria atrasado de qualquer forma, decidiu começar o dia com calma. Sentou na cama. Olhou para o relógio. “Será que falto na aula de História do Cinema hoje?”. Olhou no cronograma, hoje discutiriam “Lagoa Azul”. Não podia faltar. Escovou os dentes depressa, pegou uma muda de roupa limpa que, por alguma razão, estava no cesto de roupa para lavar. Pegou uma maçã na fruteira, abriu a geladeira, trocou a maçã por uma Coca-Cola, fechou a porta e foi pegar o elevador. Teve um clássico encontro constrangedor de segunda de manhã com o vizinho. Desceu para a garagem, entrou no carro, quando se tocou: esqueceu de trancar e abrir a porta três vezes. Pode parecer ridículo, mas sem esse pequeno ritual de manhã, o mundo parecia estar prestes a entrar em colapso. Mas hoje não tinha tempo para voltar.

Seguiu para a UFSC pegando a ponte Pedro Ivo Campos. Notou que o mar estava extremamente agitado. Quando estava terminando de atravessar, ouviu um barulho de algo que saía da água. Depois veio um estrondo ensurdecedor e a ponte toda estremeceu. Olhou para trás e viu uma enorme e majestosa ostra, em toda sua bivalvidade. A enorme ostra começou a pular sobre a ponte, segundos depois, trazendo parte da ponte abaixo. Os carros que estavam no meio do trajeto foram tragados pelas águas, junto com os destroços.

Quando Carlos pensava que não podia piorar, a monstruosa ostra abriu sua boca e liberou um enxame de ostras voadoras (desenho esquemático a seguir):



As pequenas ostras voadoras atacavam os pedestres, acoplando a concha aos rostos de suas vítimas e usando sua famigerada “carninha” para forçar a pérola na traqueia das vítimas, que morriam sufocadas.

Horrorizado, Carlos correu o mais rápido que pôde; quando chegou no Ticen para pegar o UFSC Semi-Direto, ao seu redor, via a morte do povo florianopolitano pelo mais novo tipo de ostra, o ostroll, ostra do tamanho de um ser humano, que capturava suas vítimas com a “carninha” para depois esmagá-las com seu abraço mortal (desenho esquemático a seguir):



Carlos não conseguiu alcançar o Semi-Direto na hora exata de sua partida, que era adiantada pelo ataque da ostra-mãe ao TICEN.

Desesperado, ele entrou no banheiro do terminal e viu um senhor sentado no chão, com um computador e uns vidros com líquidos coloridos, fazendo experiências. Ele sentou do lado do homem e perguntou o que ele estava fazendo. O senhor lhe explicou que estava pesquisando sobre essa epidemia e estava quase descobrindo a cura. Carlos resolveu ajudar, pois sabia que a situação era crítica e que estava fora de controle. O homem disse que, para salvar a humanidade, eles teriam que ir até o fundo do mar, no Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, para pegar o material das ostras, que ficava na areia. Esse material, misturado com pó de bernunça e colocado num caldeirão das bruxas do Campeche à meia noite, faria a cura das ostras assassinas.

Assim, os dois foram atrás disso e, à meia noite, o antídoto estava pronto, e todas as bruxas subiram em suas vassouras com um saco cheio do pó mágico e saíram jogando pela cidade. Aos poucos as pessoas foram voltando ao normal e só sobraram conchas pelo chão. No dia seguinte, as ruas estavam cobertas de conchas e o cheiro de ostra era insuportável, mas todos estavam bem e voltavam à vida normal.

Carlos olhou em volta e abraçou o homem que ajudou a acabar com aquela epidemia. Os dois se olharam nos olhos e sentiram que aquele seria o começo de uma bela amizade e, quem sabe, algo mais...